



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7047 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**PRÁTICAS DE ENSINO ANTIRRACISTA: (RE)CONSTRUINDO A AUTOACEITAÇÃO DA NATURALIDADE DOS CABELOS DOS(AS) ALUNO(AS) AFRO-MARANHENSE NA SALA DE AULA.**

Rosângela Coelho Costa - ESCOLA

Antonio de Assis Cruz Nunes - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

**PRÁTICAS DE ENSINO ANTIRRACISTA: (RE)CONSTRUINDO A AUTOACEITAÇÃO DA NATURALIDADE DOS CABELOS DOS(AS) ALUNO(AS) AFRO-MARANHENSE NA SALA DE AULA.**

O cenário escolar constantemente está em transformação, pois é um campo ativo que produz e forma pensadores(as), baseada nessa capacidade de transformar, é que se torna necessário aprender a ensinar para a educação das relações étnico raciais na perspectiva da promoção da transformação social. Dito isto, a compreensão dessas relações na escola ganha importância por ser o espaço de garantia da aprendizagem dos alunos, mas também compreendemos que é território de reprodução de estereótipos, discriminação e preconceito. Nessa vertente de ideias percebemos que a aplicabilidade da Lei Nº 10.639/2003 é um instrumento para que possamos desenvolver práticas educativas antirracista como forma de enfrentamento ao racismo e a discriminação racial no propósito de desconstrução das ideologias eurocêntricas, para que possibilite o aluno a reflexão sobre o seu pertencimento identitário e sua autoafirmação tendo como parâmetro o campo educativo.

Neste prospecto, surgiu então, a obrigatoriedade do ensino de conteúdos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira respaldada na referida Lei, a qual traz alterações nas Diretrizes e Bases de Educação Nacional (BRASIL, 2013). No entanto houve um novo acréscimo, completando mais o texto com a criação da Lei Nº 11.645/2008 que diz o seguinte: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Com bases nesse marco legal se torna pertinente desenvolvermos práticas educativas que tratem de assuntos/conteúdos sobre a cultura negra brasileira, as contribuições do povo negro nos aspectos sociais, econômicos, políticos e outras esferas da sociedade

brasileira, ou seja, estudos voltados para as questões étnico-raciais. Nessa proposta de trabalho iremos nos ater sobre pontos referentes a negritude.

Em vista disso, tratar desses temas na sala de aula e ensinar relações étnico-raciais ainda é um tabu na realidade de muitas escolas, quer sejam públicas ou privadas. Assim compreendemos que a escola tem como função social promover e possibilitar meios em que haja pedagogicamente a organização de saberes na perspectiva histórico-cultural da população negra como forma de (re)construção de sua identidade étnico-racial.

Nesse contexto de ideias fincada nas raízes da cultura afro-brasileira, ou seja, as “africanidades brasileiras” (Silva,2005), é que o nosso trabalho se materializa epistemologicamente e empiricamente no viés da promoção de uma educação antirracista.

Nesta perspectiva, ressaltamos que o currículo escolar brasileiro poderá apresentar propostas em todos os níveis de ensino sobre as africanidades brasileira de forma que:

- valorizem igualmente as diferentes e diversificadas raízes das identidades dos distintos grupos que constituem o povo brasileiro;
- busquem compreender e ensinem a respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar;
- discutam as relações étnicas no Brasil, e analisem a perversidade da assim designada “democracia racial”;
- encontrem formas de levar e refazer concepções relativas à população negra, forjadas com base em preconceitos, que subestimam sua capacidade de realizar e de participar da sociedade, material e intelectualmente;
- identifiquem e ensinem a manusear fontes em quase encontram registros de como os descendentes de africanos vêm, nos quase 500 anos de Brasil, construindo suas vidas e sua história, no interior do seu grupo étnico e no convívio com outros grupos;
- permitam aprender a respeitar as expressões culturais negras que, juntamente com outras de diferentes raízes étnicas, compõem a história e a vida de nosso país;
- situem histórica e socialmente as produções de origem e/ou influência africana, no Brasil, e proponham instrumentos para que sejam analisadas e criticamente valorizadas. (SILVA, 2005, p.157).

Desse modo, salientamos que nesse modelo societário de supremacia branca, encontramos condições propícias para que a população negra absorva tudo aquilo que é imposto pela aristocracia, sobretudo nas questões de padronização da beleza eurocêntrica entendida como única, em uma cultura de dominação, alimentada por ideologias alienantes. Como forma de desconstrução desses padrões de beleza determinado socialmente e da negação de sua identidade. Pretendemos no corpo deste trabalho evidenciar o percurso de uma prática de ensino desenvolvida no espaço escolar por meio da oficina intitulada: Cacheadas e crespas sim, projetada aos alunos(as) dos Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental.

Nesta perspectiva salientamos que “o estudo sobre o corpo e cabelo como ícones da identidade negras presentes nos processos educativos escolares e não-escolares poderá nos apontar outros caminhos além da denúncia, mas também coibir a reprodução de preconceitos e estereótipos” (GOMES, 2003, p.180).

Diante desse entendimento, discorreremos sobre a experiência pedagógica realizada no chão da escola utilizando a oficina como metodologia de ensino de modo que possibilite a vivência, a prática dos (as) alunos (as), subsequente as provocações que emergem para a (re)construção e a autoaceitação de sua identidade étnico-racial negra por meio da estética natural dos cabelos de jovens negros (as) como afirmação identitária e militância política.

Deste modo as nossas indagações partem da seguinte problemática: De que forma

podemos desenvolver práticas pedagógicas antirracista que possibilite a autoafirmação da identidade racial dos(as) alunos(as) Afro-Maranhense e a desconstrução do estigma social por meio da estética dos cabelos.

O presente trabalho se constitui em uma experiência pedagógica desenvolvida na sala de aula na modalidade de ensino citada. Neste contexto materializa-se respectivamente em dados bibliográficos e empíricos que ainda estão em processo de andamento.

**PRÁTICAS DE ENSINO ANTIRRACISTA:** ensinamentos a partir da estética do cabelo afro na sala de aula.

As abordagens tratadas no corpo deste trabalho no que se refere a estética dos cabelos afrocentrados perpassam sob a ótica da (re)construção identitária e postura política como ato de afrontamento e enfrentamento do racismo, discriminação, e confronto com estereótipos criado pela sociedade colonizadora brasileira. Tratar de questões sobre o cabelo, nos remete a subjetividade de cada pessoa, isto quer dizer que essa categoria associa-se a elementos identitário e de representação social, pois a linguagem corpórea traduz a padronização estética em que o corpo é submetido na maioria da vezes por imposições e estereótipos, quando se trata do corpo negro é perceptível essas nuances.

Pensar em uma prática de ensino antirracista é trilhar no terreno da educação para as relações étnicos raciais, criar momentos de aprendizagens significativas e emancipatória na sala de aula, é partir do princípio da consciência política e histórica da diversidade, sintetizando, é oportunizar ao (a) aluno(a) a participação e reconstrução do conhecimento assentado em suas perspectivas enquanto agente transformador social. (SILVA, 2011).

Logo, trazemos a prática pedagógica para o campo epistemológico e prático da estética dos cabelos afro a ser desenvolvido na sala de aula como oficina focada aos discentes na iminência de possibilitar o reconhecimento como protagonista desse processo educativo emancipatório e transformador.

O cabelo e o corpo negro são sempre vistos com estereótipos e preconceitos, haja vista que a sociedade traçou os estigmas para as gerações da população negra que certamente deveriam simbolicamente ser concebido como traços dos ancestrais africanos na visão positiva, entretanto o que observamos é a negação de sua identidade, a inferiorização desses corpos e cabelos afro, que deveriam ser percebidos como simbologia identitária. Para (GOMES, 2019, p. 38) “Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suporte simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: “a beleza nega”.

Nesta perspectiva trazemos para sala de aula práticas educativas desenvolvidas na modalidade oficina intitulada: cacheadas e crespas sim, na tentativa de possibilitar meios e elementos que possam (re)construir a autoafirmação identitária dos(as) alunos(as) afro-maranhense desta instituição escolar.

## **RESULTADOS ALCANÇADOS**

A prática educativa elaborada por meio de oficina, se deu nos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. No primeiro momento houve a inscrição dos participantes da

oficina para que o público alvo fossem atendidos, durou em média uma semana, posteriormente houve a fase de sensibilização da temática por meio de palestras e amostras de vídeos sobre o assunto referentes aos cuidados e penteados de cabelos afro. Percebemos que a amostragem de vídeos estreitou mais os(as) alunos(as) a sua realidade identitária, pois os vídeos foram exibidos de acordo com a subjetividade dos cabelos, a proposta desse momento aconteceu no intuito de possibilitar meios em que os/as alunos/as identificassem e compreendessem que o seu cabelo era um importante elemento identitário além da estética, ou seja, que faz parte do processo da (re)construção identitária.

Em seguida, o próximo passo foi a concretização, assim dizendo, o momento prático em que pudemos propor aos(as) alunos (as) a manipulação dos cabelos, a vivência, o experimento, ou seja, a descoberta, a resignificação, e a aceitação do seu pertencimento étnico-racial na intenção de romper com o negacionismo da sua negritude construído pela visão eurocêntrica. Nesse momento, tivemos a participação de alguns voluntários entre eles: cabelereiras e alunos (as) que também se voluntariaram para a realização de algumas atividades além do patrocínio que auxiliou com o fornecimento da matéria prima para a concretização da oficina como penteados e cuidados com a estética dos cabelos. Ressaltamos que a adesão dos discentes a oficina foi significativa, a demanda superou as expectativas, a participação de alunos e alunas engrandeceram a proposta da oficina.

Conforme Silva (2017, p. 105).

A manipulação do cabelo é encontrada em várias sociedades e vimos que para o negro no Brasil, esse processo não se dá sem conflitos, que podem expressar sentimento de rejeição, aceitação, resignificação e até mesmo negação do pertencimento étnico/racial. As diversas representações a partir do cabelo do negro dentro de uma sociedade racista influenciam no comportamento individual.

Por conseguinte, a oficina como proposta de atividades práticas se constituiu como uma ferramenta pedagógica para além do aspecto conteudista, na perspectiva de possibilitar a inovação no currículo escolar no campo da ação. Enfatizamos que a escola como espaço social precisa promover o ensino igualitário. (ARROYO, 2013). Ou seja, um ensino que atenda as necessidades de todos e todas, que possa oferecer saberes abertos que vão contra os conteúdos compartimentados, ou seja, a possibilidades de potencialização do saber. Assim corroboramos com o entendimento de que a “educação para todos significa acesso de todos à educação, independentemente de posição social ou econômica, acesso a um conjunto de conhecimentos e habilidades básicas que permitam a cada um desenvolver-se plenamente, levando em conta o que é próprio de cada cultura.”(GADOTTI, 2004, p.281).

## CONCLUSÃO

Com bases no que foi exposto, consideramos que a escola como campo educativo poderá abrir espaços para que haja o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracista possibilitando a autoafirmação da identidade racial dos(as) alunos(as) afro como forma de desconstrução do estigma social utilizando possíveis mecanismo de ensino a exemplo de oficinas e outros instrumentos metodológicos objetivando o enfretamento ao racismo.

Outrossim, consideramos que a oficina proposta na perspectiva de utilizar a

estética dos cabelos afro, enquadrou-se conforme o planejado, as atividades desenvolvidas possibilitaram aos (as) alunos(as) a condição de centro das atenções, ou seja, o protagonismo do processo de construção da sua aprendizagem.

Portanto, enfatizamos que é possível aplicar atividades diversificadas na sala que remetem a práticas antirracista, que valorizem a identidade étnica e cultural dos(as) alunos(as). À vista disso, repensar nas práticas pedagógicas nos possibilita a levar inovações para a sala de aula com a intenção de ensinar as relações étnico-raciais, no sentido de contribuir ao enfrentamento do racismo, pois a escola precisa coibir a reprodução dos estigmas e estereótipos criados pelo colonizador, isto significa dizer que precisamos educar em prol da transformação social com o propósito de ressignificar o ensino, pelo viés de uma educação emancipatória.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. **Lei 10.639/2003 ou Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – Brasileira e Africana**. Brasília, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 4 ed. São Paulo: Cortez. 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan/jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2019.

SILVA. Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras** in: Munanga, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola**. BRASIL. 2 ed, Brasília: 2005. p. 155-172.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnicas raciais no Brasil In: FONSECA, Marcus Vinícius. SILVA, Carolina Mostaro Neves da Silva. FERNANDES, Alexandra Borges (Orgs.). **Relações étnico – raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 11-38.

SILVA, Amanda Raquel da. **Estética como ação política: fazendo cabeças e soltando cabelos**. Equatorial, Natal, v. 4, n. 6, p. 83-111 jan/jun 2017.

